

Nenhuma recompensa para a primeira parteira

A primeira parteira a chegar em Brasília — dona Filomena Mazola — queixa-se, hoje, de não ter recebido nenhuma recompensa pela dedicação com que se empenhou na assistência aos primeiros habitantes da nova capital.

Um total de 1.800 partos — conta dona Filomena — foram realizados por suas mãos, muitos dos quais contra a vontade de seu marido, que já não aguentava mais vê-la ser despertada de meia em meia hora, dia e noite, para acudir às esposas dos operários em pânico e sem assistência médica.

Declara dona Filomena, hoje com 76 anos, ter vindo em 1957 para Brasília com a intenção de abrir uma loja de sapatos, ramo de negócios já praticado em sua cidade natal, Ribeirão Preto. Mas, ao descer do ônibus em que viajou, caminhando alguns metros por entre as cabanas feitas de sacos de cimento, dona Filomena ouviu gritos de uma mulher que ia dar à luz uma criança.

Solicitada pelas mulheres dos operários a efetuar os trabalhos do parto, dona Filomena, que estava decidida a não mais voltar a essa atividade, relutou, mas terminou aproximando-se, indagando, em seguida, se havia água limpa. Descobriu que não havia água e nem sequer bacia na barraca da parturiente.

Filomena Mazola conta inúmeros casos de crianças salvas em suas mãos, como uma necessitada de aplicações de soro, quando nem o farmacêutico sabia aplicá-lo. Então a parteira, corajosamente, efetuou as injeções na barriga da criança, e esta sobreviveu.

Seu orgulho é dizer que viu toda a pixotada do Núcleo Bandeirante nascer. O fato de desempenhar dona Filomena o papel da boa samaritana daquela cidade livre levou os operários a intitular-na «mãe dos nordestas».

Ela conta que, dia e noite, batiam em sua porta nordestinos que traziam da região seu endereço no bolso. Após abrir a porta, o apelo era o mesmo: «Estou chegando do Norte e gostaria que a senhora me arranjasse comida e pouso».

SERVIÇO IMPEDIDO PELA CHUVA

Em 1958, conta dona Filomena, em Brasília choveu 18 dias sem parar, não podendo os operários enfrentar o serviço. Aquilo significou um enorme contingente de homens sem comida e sem poder trabalhar. «Na Segunda



Foto: Magnólia Correa

D. Filomena Mazola, a primeira parteira de Brasília



D. Filomena com a família

Avenida, o amontoado de homens parecia um rebanho de cabritos».

Dona Filomena ajudava a fazer comida para todos. Foi nessa ocasião que ela encetou uma discussão com um dos engenheiros das obras, de quem ela não recorda o nome. O problema era que a senhora tinha preferência por canos de abastecimento d'água em ferro. O engenheiro pretendia convencê-la, com todos os argumentos da profissão, que os canos de plástico eram mais eficientes. E os colocou de plástico. Daí a

alguns dias, um trator rompeu um dos canos e o Núcleo Bandeirante ficou sem água. No hotel Jurema, durante o concorrido almoço, o engenheiro teve que admitir que a razão estava com dona Filomena.

Lembra dona Filomena (que nunca quis sair do Núcleo Bandeirante), habitarem muitas famílias, naquela época, embaixo de caminhões. «Nas noites chuvosas os operários ficavam tentando se defender da lama».

Quando ela chegou naquela cidade havia 40 barracos de sacos de cimento, levantados, «apenas um pouco acima do chão». A coleta d'água era feita no Ribeirão Vicente Pires, às 5 horas, antes que os operários chegassem.

O primeiro crime ocorrido em Brasília foi testemunhado por dona Filomena. Ela não lembra o nome do criminoso nem o do assassinado. Só sabe ter ocorrido dentro de um restaurante no Núcleo Bandeirante. Numa discussão por causa da conta, o freguês feriu o dono da casa e o cozinheiro o apunhalou. O freguês, um gaúcho, caminhou, sangrando, até o meio da Avenida Central. Ali caiu e morreu na frente de todos os operários.

ABANDONOU A ATIVIDADE

Há 15 anos, dona Filomena cuida de uma creche com 25 crianças no Núcleo

Bandeirante. Criou dez órfãos e há dez anos abandonou a atividade de parteira. Sua dedicação a crianças, hoje, é explicada com o desejo de suprir o vazio deixado pelo desenvolvimento de Brasília. A mais nova geração do Núcleo Bandeirante nem sabe quem é dona Filomena. Os meninos, agora rapazes, a quem ela ajudou nascer, mal sabem seu nome.

Também morando com ela está um dos primeiros garotos nascidos em Brasília. Paulo de Tarso, com 21 anos de idade — o filho mais dedicado. São os filhos que contam ter sido ela candidata a vereadora pelo município de Luziânia, por volta de 1958 ou 1959. Mas ela nega e muda de assunto:

— Já trabalhei tanto, mas não valeu a pena.

Sua maior queixa é quanto ao fato de o Governo não ajudá-la a construir a creche. Seu lote, na Segunda Avenida, não recebe nenhuma ajuda governamental e nele ela empenha todos os seus rendimentos, além de sua aposentadoria.

— De vez em quando a Fundação do Serviço Social me ajuda, mas até meu convênio já foi cortado. Porém, continuo empenhada no meu maior sonho: ver essa creche terminada, com todo o equipamento e em perfeito funcionamento para alegria das minhas crianças.

Foto Magnólia Correa